# aventura

movimentos de corpo e rua

POSSO
AJUDAR

Este projeto propõe a realização das aventuras do processo de construção do espetáculo AMAZONA em outras cidades do país.

A montagem, com direção de Ricardo Cabral, estreou no Rio de Janeiro em outubro de 2018 e foi considerada pelo Jornal do Brasil como um dos destaques da temporada carioca do ano.
Em carta de recomendação do projeto, a performer Eleonora Fabião, classifica o trabalho como 'vibrante e necessário'.

No cidade do Rio de Janeiro, munido de um regador de dez litros, Ricardo Cabral regou o concreto e as pedras portuguesas da praça Tiradentes, da praça Mauá e do largo da Carioca.

Nina Harper ofereceu uma masterclass de subidas em árvore no canteiro central da avenida Presidente Vargas.

Rafaela AmoDeo cruzou a avenida Rio Branco costurando os lixos que encontrava pelo chão à própria roupa.

Chris Igreja saiu pelo Centro com uma vara de pescar e iscas variadas (um celular, um par de sandálias, uma nota de cinco reais, entre outras) e passou horas pescando pessoas pelas ruas.

Anna Clara Carvalho vestiu-se de super-heroína com um maiô vermelho, patins, uma capa turquesa onde se lia "POSSO AJUDAR" e se disponibilizou a ajudar pessoas por uma tarde inteira na praça Mauá.

– Ei, jardineiro. Você tá regando pra nascer o que?

– O que você acha que podia nascer aqui?

– Pirâmide, só dá pra nascer pirâmide. Você pode regar o quanto quiser, pode vir aqui regar todo dia que não vai nascer nada. Não tem como nascer, não tem terra. Pode até ter, mas muito lá embaixo. Eles botaram esse concreto todo aqui foi justamente pra não nascer nada. (...)

– Tu mora na pista?

– Não. Você?

– Eu não durmo na rua não. Eu venho, fico até não aguentar mais e aí eu volto que eu não durmo na rua não. Tô acordado faz três dias já. Tu chega, começa a cheirar, aí não dá pra voltar. Caralho. A vista tá embaçando. Se eu ficar aqui sentado eu durmo, só que eu não durmo na rua não. Eu vou pra Central tentar arrumar um dinheiro pra ir pra casa. O foda é que pra cocaína o dinheiro aparece rápido assim ó. Mas quando tu quer ir pra casa, quer comer... já viu. (...)

**Como responder propositivamente – e não reativamente – diante do atual estado de coisas?**

Nossa aposta é que realizar aventuras com estranhos pelas ruas da cidade pode abrir espaço para outras cidades possíveis dentro de nossa própria cidade. Aventuras disputam o imaginário sobre a cidade, provocando saberes enrijecidos sobre o que fazemos na rua e como fazemos com a rua. Aventuras celebram o espaço da cidade como lugar de encontro entre diferenças.

Do latim 'ad venire', AVENTURA significa se aproximar; ir na direção (ad) das coisas que vêm até nós (venire). Aventura é movimento de encontro com o desconhecido: as coisas, no plural, estão vindo em nossa direção e nós vamos até elas.

AMAZONA é a terceira criação do Teatro de Caminho, que nasceu em 2014 com CASA VAZIA, espetáculo de 24 horas que acontecia em casas da cidade, contemplado por dois anos consecutivos pelo programa de fomento da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro.

Em 2017, estreamos EU VOU APARECER BEM NO MEIO DO SEU SONHO, site-specific que levava o público pelas ruínas de uma biblioteca abandonada: a peça realizou três temporadas e mais de 40 apresentações só no ano de estreia. Agora, seguimos nossa pesquisa sobre itinerância e arquitetura, agora pela cidade. Este projeto, aliás, é parte da pesquisa do diretor Ricardo Cabral dentro do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da UFRJ.

CRÍTICAS

JORNAL DO BRASIL

# 2018 O ANO DO TEATRO SEM LEI

CLAUDIA CHAVES*
Especial para o JB

O teatro carioca sempre se caracterizou por uma classe criativa e unanda, de ação combativa e uma capacidade enorme de se reinventar. Com as dificuldades do governo em participar através de editais de fomento, o afastamento dos patrocinadores e apoiadores via Lei de Incentivo, a nossa cena foi ocupada por grupos, produtores, atores que se transformaram em patrocinadores de si próprios.

Com isso, vieram-se grupos comemorando décadas de existência com montagens ousadas, como "Insetos" da Cia dos Atores. Verdadeiros guerreiros, a Rede Batuada em Cena – formada por 16 coletivos da Baixada Fluminense – realizou duas mostras no Rio de Janeiro, além da apresentação individual de espetáculos como "Medeia" e "Lima entre aás".

Com força se estabeleceu um gênero que une adultos e crianças, que como cunha Alexandre Lino, teatro para toda a família. As incansáveis produtoras Vera Novello e Ana Valbom realizaram "O choro de Pixinguinha", mais um mergulho no universo da MPB, "Tropicalisha – Caetano e Gil para crianças" se utilha da estrutura das narrativas infantis para dizer não ao ódio. E "O Lago dos Cisnes", de Daniel Porto, com direção de Alexandre Lino, é um poema que mesmo sendo o drama de Odette com a atriz/bailarina Juliana Martins.

E foi o ano em que os cenários trouxeram das artes plásticas as instalações e o video mapping como recursos extraordinários de pintura e integrar outras formas narrativas. Novos palcos também surgiram com a remoçagem do Teatro Adolfo Bloch e a plena utilização da Cidade das Artes, abrigando as mais diversas formas de manifestações teatrais que cultivava com a retrospectiva de "O Rei da Vela". E a lembrança, extremamente bem documentada, do Teatro dos Quatro está no livro de Daniel Schenker.

Continua na página 2

Foto: Divulgação

Duas apostas vitoriosas com a cortina de ouro e Rio é a capital do teatro. Reinauguração do Teatro Adolfo Bloch e a repleta Cidade das Artes com as melhores espetáculos, inclusive a volta do **Rei da Vela (acima)** com o Grupo Oficina e o genial José Celso Martinez Corrêa

O Rio recuperou, e bem, a ausência das grandes casas de show dedicadas à MPB. Com número impecável e as mesmas maravilhosas que encantaram gerações: **"Com amor, Vinícius" (à esq.)** e **"Nara, a menina que disse coisas" (ao lado)** nos fizeram ter a cortina de ouro e passado e o nosso presente e agora também futuro.

manifestação artística extremamente prazerosa. A versão carioca do site specif teve três momentos de pura catarse: "Amazona" pelas ruas da Candelária; "InComodos", no Castelinho do Flamengo e na Casa Rio, e "Vala comum", em um casarão da Tijuca.

Em matéria de capa do Caderno B, o Jornal do Brasil elenca AMAZONA entre os destaques da cena carioca em 2018: 'pura catarse'

O GLOBO

RIO SHOW

## Espetáculos 'desconstroem' salas teatrais e ocupam ruas, casas e instalações cênicas

Confira uma lista de peças itinerar
montadas em ambientes inusitados,
ruas, escombros de um edifício e até

Especial do caderno RioShow sobre peças itinerantes destaca: 'o resultado é irreverente'

Não haveria outro lugar mais adequado, porém, para o texto ser apresentado. Thriller sobre uma guerrilha feminina no ambiente urbano, o espetáculo nasceu como derivação de uma pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da UFRJ — a partir de performances classificadas como "pequenas aventuras" em locais públicos. O resultado é irreverente.

## CRÍTICAS

O programa de TV latinoamericanoCGTN Noticias elogiou a peça: 'ninguém fica indiferente'

Assista a matéria completa clicando aqui

Espetáculo convida o público a percorrer as ruelas do Centro | CAROLINA CALCAVECCHIA/DIVULGAÇÃO

# Palco itinerante nas ruas

Utilizar o próprio corpo como resistência e ocupação: essa é a proposta da peça itinerante "Amazona", que começa temporada hoje. Cinco artistas recontam histórias que viveram neste ano, quando promoveram intervenções em espaços públicos. O autor e diretor Ricardo Cabral conversou com o **Metro Jornal** sobre o intuito, o método e as reações que o espetáculo propõe.

**Inspiração**

"O objetivo era responder propositivamente e não reativamente, ao atual estado das coisas. Dez dias antes do primeiro encontro do elenco, Marielle [Franco, vereadora do Psol] foi executada [em 14 de março] e sentíamos que estar na rua era uma obrigação. A rua é o lugar da política. As trajetórias, as visões de mundo, os esbarrões, tudo é um exercício ético. Decidimos investigar: viver aventuras com estranhos na rua poderia abrir espaço para outras cidade possíveis. Muito do que está na boca das personagens a gente escutou na rua.

**Relação com o corpo**

Neste momento sufocante, a peça radicaliza a ideia de que a luta implica no corpo. É preciso se mexer, mexer nas coisas, agir no mundo real. O público vai se esgueirar e correr por becos e esquinas. Mas é também mais que isso: há um fascismo correndo solto que oprime os corpos desviantes. Colocar o corpo na rua na contramão dessa circulação imposta nos lembra que é possível abrir brecha no concreto e construir um mundo que abrace nossas diferenças.

**Repressão**

Dois guardas municipais me revistaram durante um dia de trabalho, disseram que a polícia tinha reportado atividades suspeitas minhas. Quando tudo começou, tínhamos muito medo. O discurso da violência gera uma sensação de insegurança que esvazia a cidade e só gera mais insegurança. Fomos ficando cada vez mais corajosos. Hoje, estar na rua se tornou uma necessidade.

METRO RIO

**Não perca!**

Na rua da Quitanda, Centro. Inf.: 99106-2335. De qua. a sex., às 19h. Colaboração consciente. Livre. Até 30/11.

A reportagem do Metro Jornal entrevistou o diretor sobre o processo de criação: 'a peça radicaliza a ideia de que a luta implica no corpo'

MÍDIA

# Aventuras pela cidade

Um espetáculo que começa numa sala da Rua da Quitanda e segue pela rua até chegar na Igreja da Candelária, no Centro. Esta é a proposta de "Amazona", resultado de um processo de sete meses de trabalho com quase 20 artistas colaboradores que estreia hoje, às 19h.

A terceira criação do Teatro de Caminho que, depois de "Casa vazia" - espetáculo de 24 horas de duração que acontecia em casas da cidade - e "Eu vou aparecer bem no meio do seu sonho" - que acontecia nas ruínas de uma biblioteca abandonada -, segue investigando itinerância e site-specific, fala de uma noite explosiva, onde mulheres tentam fazer a vingança da terra sobre a cidade. "É uma trilogia sobre espaço e itinerância. Começamos trabalhando com o espaço íntimo da casa e depois passamos para o espaço público porém fechado de uma biblioteca. Agora chegou a hora de nos aventurarmos pela cidade", explica o autor e diretor Ricardo Cabral.

Há alguns meses, ele e um grupo de atores se reuniram para encontrar uma forma de responder propositivamente - e não reativamente - ao atual estado das coisas. E decidiram viver "aventuras estranhas" através de intervenções pela cidade. "Eu reguei o concreto (mas não os canteiros) da Praça Mauá e do Largo da Carioca; Nina Harper deu um aulão de subidas em árvores no canteiro central da Presidente Vargas e Rafaela Amodeo cruzou a Rio Branco, costurando os lixos que encontrava no chão à própria roupa", enumera Ricardo. Foi a partir das conversas, imagens e ações que resultaram dessas aventuras que "Amazona" foi construída. "Das histórias que ouvimos, chegamos à história dessas mulheres que abrem mato sobre o asfalto esperando o dia em que a natureza vai tomar de volta a cidade", conta.

*Atores em uma das performances que acontecem durante o itinerário da peça "Amazona" pelo Centro do Rio*

**Serviço**

AMAZONA - Texto e direção de Ricardo Cabral. Com Anna Clara Carvalho, Camila Costa, Chris Igreja, Marcéli Torquato e Victor Seixas. Rua da Quitanda, 194 - Centro; Tel.: 99106-2335). Qua. a sex., às 19h. Colaboração consciente. Até 30/11.

Em mais uma matéria no Jornal do Brasil, destaque para a trajetória do grupo: investigação sobre espaço e itinerância, sempre em lugares não convencionais

CONTATO

Homero Ferreira

(21) 995 104 500

homeroeu@gmail.com